

ARQ. PEDRO PACHECO

30 de Julho de 2014

ALENTEJO

Como foi a experiência de intervir num território como o Alentejo?

*Pedro P.: Até ao lançamento do concurso de ideias para o plano da nova aldeia da Luz, em 1996, tinha tido muito pouco contacto com o Alentejo, a minha relação era mais de passagem, portanto, este trabalho desencadeou uma descoberta gradual deste território. Conheci o Alentejo de uma forma intensa, como nunca o tinha visto, no inverno, com extensos prados verdes. Para mim, o Alentejo, era um território seco, de verão, de cor queimada, e na altura do concurso decorria o inverno, portanto, isso foi logo uma grande mudança da imagem que tinha. Depois o próprio trabalho obrigou a um reconhecimento mais aprofundado da paisagem e do património. Mas esta paisagem era já uma imagem muito inscrita no meu subconsciente, a ideia "do que é o Alentejo" - paisagem continua, grandes distâncias entre aglomerados urbanos e a uniformidade do território que os envolve e que os liga, portanto, foi uma relação gradual de conhecimento deste território como cultura, de conhecer as pessoas, as tradições, as práticas e tudo o que estava em torno, que não seria de leitura tão óbvia.*

*Na altura estávamos focados no tema da aldeia da Luz, não estávamos especificamente a pensar sobre o território, depois, numa fase posterior, o próprio trabalho obrigou a uma aproximação muito mais estruturada, no sentido de perceber a importância da memória na fixação dos lugares, o sentimento de pertença ou de perda, os elementos que identificamos como estruturantes ou identitários e como os lugares se perpetuam no tempo e nas pessoas. Numa fase inicial foi importante o reconhecimento do território da Luz, a partir da ideia de deslocação e refundação da aldeia da Luz. Surgiram questões ligadas à natureza dos solos, à importância das matérias e dos arquétipos e de perceber a diferença entre as aldeias de atravessamento e as aldeias de fim de curso, com diferenças claras ao nível das características do habitar e da forma como se fixam os rituais de pertença com os lugares. A aldeia da Luz era um destes casos, uma aldeia no final de um percurso, com ligação directa ao rio Guadiana, portanto, ir à Luz, era um percurso voluntário. Isto faz toda a diferença e a micro paisagem que constituía aquele*



Fig. 77 Arquitecto Pedro Pacheco

*lugar, começou-nos gradualmente a nos fascinar, pelo modo como se foi construindo ao longo do tempo, na sua relação com o rio, com os vários territórios, lugares e percursos, com a ruralidade e com o lúdico e com as actividades quotidianas da aldeia, ir ao lavadouro, ir ao campo, fazer o pastoreio e reconhecer o território através de quem o percorre diariamente.*

*Em suma, o efeito de sair da escala urbana a que estava habituado, a cidade do Porto onde vivia, e de entrar num território com outros códigos de leitura, que se tornaram fundamentais descodificar, para depois se tomarem instrumentos de trabalho e de projecto.*

ARQUITECTURA NA ALDEIA DA LUZ

Perante as acentuadas mudanças na Aldeia da Luz, como pode o arquitecto ter uma intervenção positiva na melhoria e desenvolvimento desta?

*Pedro P.: Essa questão acabou por ir sendo respondida ao longo do percurso. Não é uma pergunta que se tenha uma resposta imediata. Como é que podemos acrescentar uma mais-valia a um território, no sentido de melhorar as condições de todo este processo? A aproximação foi gradual, aliás, tentamos ir respondendo a essa pergunta durante todo o processo - "de que forma é que o nosso projecto poderia ser mais eficaz?" E agora acho que foi bem sucedida, muito consequência de um olhar atento e muito continuado, de ir viver para o sitio, de perceber quais os padrões identitários que são reconhecíveis e importantes perpetuar, as práticas dos lugares, a importância dos materiais e das tecnologias. É uma resposta continua que o projeto vai procurando dar à medida que se vai construindo. A equipa que constituímos em torno deste projeto foi determinante para um envolvimento multidisciplinar entre museologia e etnologia, com o contributo fundamental de Benjamim Pereira, antropologia (Clara Saraiva), arqueologia (equipa da EDIA), história (Sandra Monteiro), áudio-visual (Catarina Mourão), arquitectura da paisagem (Sebastião Pereira) e o nosso olhar a partir da arquitectura.*

*Uma nova forma de interpretar o que é projectar com o lugar foi-nos sendo revelada, fomos construindo a nossa aprendizagem. A escola não nos deu essa experiência, portanto, foi uma sensibilidade que se desencadeou a partir do nosso confronto e relação com os lugares da Luz. De certa forma, o projecto tenta reconstituir e reinventar relações que convocam a memória e a experiência que as pessoas têm do território. São relações mais sensoriais, como a pedra que aquece ao final do dia sobre a intensidade do sol, a luz que se desenha no interior de um espaço, a matéria prima que determina as tecnologias e a arquitectura dos lugares. Foi muito ir ao encontro do que havia e do que podia ser, reconhecendo que existem especificidades nos lugares e nas suas práticas, ou seja, ir reconhecendo estas características e estar próximo, no sentido de as traduzir de uma forma contemporânea em decisões de projecto.*

O Museu promove o redimensionamento de uma nova realidade e paisagem. Como reagiu a comunidade à apresentação deste projecto?

*Pedro P.: Este projeto não foi um trabalho fácil, pois envolveu directamente a comunidade da Luz, na transformação do território, na perda de um lugar e seu processo de substituição, condicionando as pessoas à inevitabilidade de redescobrir a sua relação com um novo lugar. É uma situação muito dura e traumática. De que forma*